

mulher
ao mar
brasil





margarida vale de gato

m u l h e r
a o m a r

brasil



DECLARAÇÃO DE
INTENÇÕES — **7**

VALA — **8**

MULHER AO MAR — **9**

ANIVERSÁRIO — **10**

DO CONSUMO DO
DESEJO — **12**

CAT PEOPLE — **14**

TERESINHA — **15**

INTERCIDADES — **17**

CAT PEOPLE — **19**

PARADOXO — **20**

MUTILAÇÃO — **21**

PRIVAÇÃO E MANÁ — **22**

PROVAÇÃO — **24**

ESTE FRUTO O MEU
CORPO — **26**

ÉMULOS — **28**

SENHORA DO Ó — **29**

DO TEU NASCIMENTO — **30**

COM PAIXÃO E
HIPOCONDRIA — **32**

FEITICISMO — **33**

PRINCÍPIO DO ESCURO — **34**

CARAVELA — **35**

DESLOCALIZAÇÃO DA
PRIMAVERA — **36**

RUA DO CARDAL À
GRAÇA — **37**

CENAS — **38**

BARROCO DA PENHA
DE FRANÇA — **41**

SE SINTO ISTO AQUI
CHIAR CÁ DENTRO — **42**

AS JUSTAS PARTILHAS — **43**

COPING — **44**

HÓSPEDE SUSPEITO — **46**

ANIVERSÁRIO (II) — **48**

AGOSTO — **49**

RESSABIADAS — 50	AMARO — 72
ASSEMBLEIA POPULAR — 52	ALICE — 74
RECONHECIMENTO — 53	CADDY — 76
TALVEZ A INJEÇÃO LETAL — 55	SEGUNDO AMOR — 78
ANNA KARENINA — 56	ROMA — 79
CHRISTINA ROSSETTI — 58	IMPÉRIO — 80
EMILY DICKINSON (III) — 59	MEDITERRÂNEO — 81
MEDEIA — 60	DIES IRAES — 83
PRENDAS — 62	TORRE DA CANÇÃO — 84
SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN — 64	SUBIDA AO PICO — 85
MAYA DEREN — 65	X-ATO — 87
MARIANNE MOORE — 67	LANÇAMENTO — 90
A IMAGEM ROMÂNTICA — 68	CONFISSÃO PASCAL — 91
NOVA ESTAÇÃO — 69	RUI COSTA, CABEÇUDO, POR TUDO — 94
CHAT — 70	MULHER AO MAR – UMA REVOLUÇÃO — 97
SEGUNDA HABITAÇÃO — 71	

DECLARAÇÃO DE INTENÇÕES

Para aqueles que insistem diluir
isto que escrevo aquilo que eu vivo
é mesmo assim, embora aluda aqui
a requintes que com rigor esquivo.

À língua deito lume, o que invoco
te chama e chama além de ti, mas versos
são uma disciplina que macera
o corpo e exaspera quanto toco.

Fazer poesia é árido cilício,
mesmo que ateie o sangue, apenas pus
se extrai, nem nunca pela escrita

um sólido balança, ou se levita.
Então sobre o poema, o artifício,
a borra baça, a mim a extrema luz.

VALA

não sou assim tão lírica
mas mistura-me láudano
no fel, sobra-me inferno
para a neurastenia
descorrói, se podes
o zelo do ódio
do espelho próximo

nem sou tão flor
mas coloca-me por fora
com um vinco de luz
um afinco de corrente
não me deites terra
não te impacientes
se morro na minha época

não sou bandeira
épica, mas sopra-me
dobra-me e desprega-me
com repelões de vento
enrola-me se puderes
quando me adiantar
à frente das explosões

MULHER AO MAR

MAYDAY lanço, porque a guerra dura
e está vazio o vaso em que parti
e cede ao fundo onde a vaga fura,
suga a fissura, uma falta — não
um tarro de cortiça que vogasse;
especifico: é terracota e fractura,
e eu sou esparsa, e a liquidez maciça.
Tarde, sei, será, se vier socorro:
se transluz pouco ao escuro este sinal,
e a água não prevê qualquer escritura
se jazo aqui: rasura apenas, branda
a costura, fará a onda em ponto
lento um manto sobre o afogamento.

ANIVERSÁRIO

Há tanto tempo eu
trazia um vestido curto nós
subíamos as escadas eu
à frente sem reparar deixava
as pernas ao desamparo do teu
agrado, tínhamos bebido ao meu
futuro e era uma fuga o teu
presente um disco que me deste
reluzia em semi-círculo e a nós
excitava seriamente escapar eu
fazia vinte anos tu
relanceavas-me as pernas eu
abandonava a adolescência
nem olhara para trás tu
miravas-me as pernas de trás. Nós
subíamos ao telhado eu
trazia um vestido curto nós
estávamos tristes creio tu
fingias-te um sátiro e nós
subíamos ao alto desarmados.

O tambor do sol batia
nos olhos que a luz e o álcool e a luz
e o álcool diminuíam
e os brancos raiavam o solstício
incandescentes eu
fazia vinte anos tu
tinhas-me dado uma música eu
rodava-a na mão e o sol
girava no gume do metal eu
de vestido curto descrevia

um círculo de desejo nós
estávamos tristes creio nós
tínhamos subido e a crista
das telhas beliscava na pele
petéquias de luz e tu
ao disco do sol dançavas e eu
de olhos cegos espiava fazia calor nós
tínhamos bebido e tínhamos calor eu
já tinha vinte anos nós
éramos o grande amor.

DO CONSUMO DO DESEJO

Como saber se isto é o esforço
que pede à carne o espanto do mundo
ou se é pretensão de arte o esquecer
à porta toda uma noite a chave
para acolher cupidamente
o imprevisto o amor a rapina
na ânsia excitada do que somos
a seguir capazes de fazer?

se é este o estrénuo abandono
ao inquieto instante ou se antes
nos ilude a evasão? tão ténue
a fronteira entre a fuga e a oferta.
Tu estás do outro lado e eu não
sei como chegar e se escavar
um túnel sob o mar pode haver
maior exumação antes de ti:

tudo o que sepulta o passado —
ruínas de outros, o mudo lodo
sem que haja o modo de dragar;
e o dilatar-se o curso e não
cumprir-se o nosso encontro. Mau grado
a grande apneia o imenso hausto
cruzam-se os destroços e entravado
o túnel cerca e serpenteia

eu devia ter tentado o voo
porém faltava-me o equilíbrio;
devia ter optado pelo arroubo
todavia não sabia preces;
não tinha a palavra de salvar
a senha que consagra e exonera;
só tinha este corpo para entrar
e um tacto insolente para abrir

CAT PEOPLE

Curiosa a tribo que formamos, sós
que somos sempre e à noite pardos,
fuzis os olhos, garras como dardos,
mostrando o nosso assanho mais feroz:

quando me ataca o cio eu toda ardo,
e pelos becos faço eco, a voz
esforço, estico e, como outras de nós,
de susto dobro e fico um leopardo

ou ando nas piscinas a rondar —
e perco o pé com ganas sufocantes
de regressar ao sítio que deixei

julgando ser mais fundo do que antes.
A isto assiste a morte, sem contar
as vidas que levei ou já gastei.

TERESINHA

Aquele que amei tive de deixar no sítio
mesmo onde nunca soube perdoar:
aí persiste observando o rancor
que lhe impede a respiração da pele
até ao dia em que se desfará —
pedaços de lepra contra a consciência.
Pratico com ele a indiferença, exigente
solução de diluir o que não irá mudar.

Aquele que instintivamente toquei
não deu mais satisfações;
imagino-o absorto numa oficina
com um escopro ou um compasso
descrevendo a solidão, satisfeito consigo
ou no convívio de terceiras pessoas.
Por ele, sem que tenha esquecido
disciplinei o corpo a emudecer.

Aquele a quem um instante quis chegar
não fica, antecipa partidas, vai
e volta, vai mais vezes do que volta;
retira as esperanças, logo não desilude:
quando vem traz o coração aberto
e os braços um tanto ocupados.
Admito com ele ter suspenso
a franqueza em virtude do acanho.

Aquele a quem não pedi nada
e que não invoco às manhãs,
aparece todavia pelas tardes com notícias
e tempo, que estende em desafogo aparente
às vezes na cama demora quanto quer
e deixa os lábios no meu ombro.
Trato com ele a justiça que suscita
o que reconhecemos e não nos interroga.

INTERCIDADES

galopamos pelas costas dos montes no interior
da terra a comer eucaliptos a comer os entulhos de feno
a cuspir o vento a cuspir o tempo a cuspir
o tempo
o tempo que os comboios do sentido contrário engolem
do sentido contrário roubam-nos o tempo meu amor

preciso de ti que vens voando
até mim
mas voas à vela sobre o mar
e tens espaço asas por isso vogas à deriva enquanto eu
vou rastejando ao teu encontro sobre os carris faiscando
ocasionalmente e escrevo para ti meu amor
a enganar a tua ausência a claustrofobia de cortinas
cor de mostarda tu caminhas sobre a água e agora
eu sei
as palavras valem menos do que os barcos

preciso de ti meu amor nesta solidão neste desamparo
de cortinas espessas que impedem o sol que me impedem
de voar e ainda assim do outro lado
o céu exhibe nuvens pequeninas carneirinhos a trotar
a trotar sobre searas de aveia e trigais aqui não há
comemos eucaliptos eucaliptos e igrejas caiadas
debruçadas sobre os apeadeiros igrejas caiadas
meu amor
eu fumo um cigarro entre duas paragens leio
o Lobo Antunes e penso as pessoas são tristes as
as pessoas são tão tristes as pessoas são patéticas meu
amor ainda bem que tu me escondes do mundo me escondes
dos sorrisos condescendentes do mundo da comiseração

do mundo
à noite no teu corpo meu amor eu
também sou um barco sentada sobre o teu ventre
sou um mastro

preciso de ti meu amor estou cansada dói-me
em volta dos olhos tenho vontade de chorar mesmo assim
desejo-te mas antes antes de me tocares de dizeres quero-te
meu amor há-de deixar-me dormir cem anos
depois de cem anos voltaremos a ser barcos
eu estou só

Portugal nunca mais acaba comemos eucaliptos
eucaliptos intermináveis longos e verdes
comemos eucaliptos entremeados de arbustos
comemos eucaliptos a dor da tua ausência meu amor
comemos este calor e os caminhos de ferro e a angústia
a deflagrar combustão no livro do Lobo Antunes
comemos eucaliptos e Portugal nunca mais acaba Portugal
é enorme eu preciso de ti e em sentido contrário roubam-nos
o tempo roubam-nos o tempo meu amor tempo
o tempo para sermos barcos e atravessar
paredes dentro dos quartos

meu amor para sermos barcos à noite
à noite a soprar docemente sobre as velas acesas

barcos.